



# O Aqueduto da Água da Prata

Algumas notas históricas sobre a sua fundação.

Francisco Bilou

A Água é um dos mais importantes elementos históricos da civilização. A sua abundância e salubridade permitiram a emergência das sociedades agrárias e o consequente desenvolvimento das primeiras comunidades urbanas.

Arcaria do Aqueduto da Água da Prata na estrada de Arraiolos

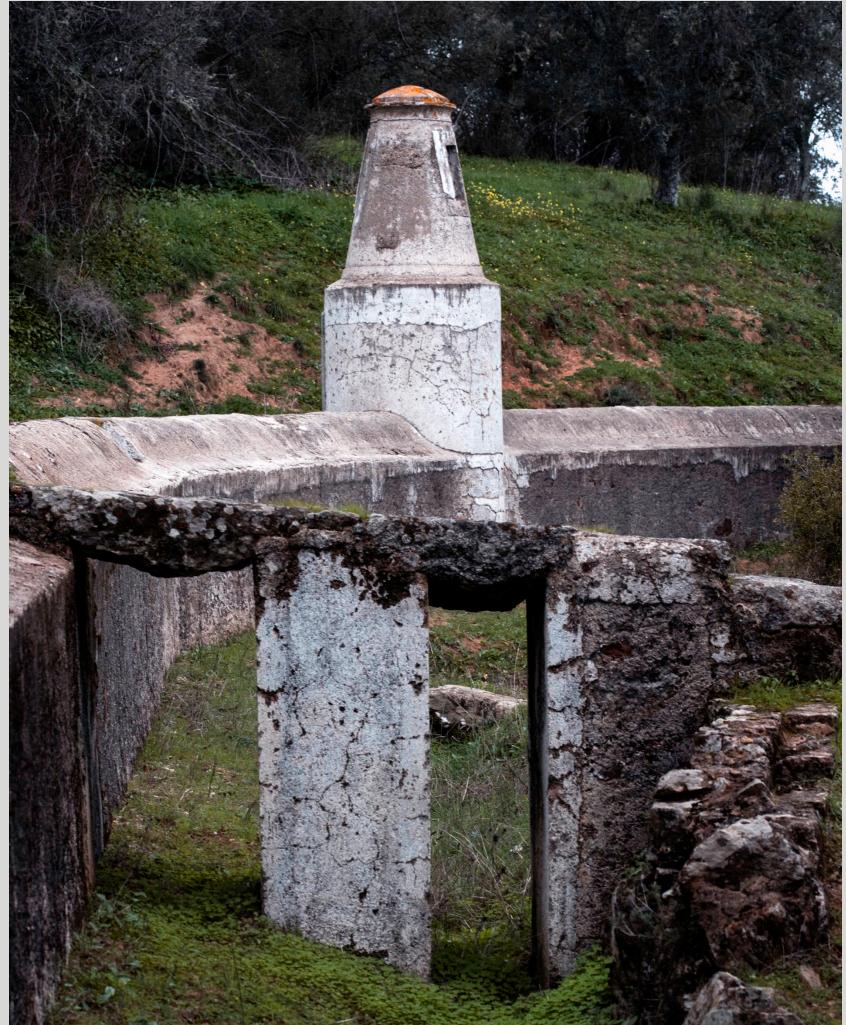
Fotografia José Manuel Rodrigues

Foi, justamente, no contexto da afirmação da cidade antiga, como centro de cultura e de poder, que se revelou o engenho humano na construção de grandiosas obras de captação e transporte de água. Estão neste caso os aquedutos. As suas monumentais arcadas de pedra, vencendo enormes distâncias e acentuados desníveis topográficos, constituem uma das mais impressionantes marcas de urbanidade do Mundo Antigo.

Apesar da sua existência ter sido contestada ao longo do tempo, sobretudo, pela ausência de qualquer vestígio arqueológico, Évora, como a maioria das cidades romanas, foi provida de um aqueduto. No final da década de oitenta do século passado surgiram as primeiras provas indirectas da sua existência. Com efeito, a descoberta das termas romanas no subsolo do actual edifício dos Paços do Concelho, de uns tanques junto ao templo e de um tubo de canalização domiciliária com a marca da cidade – LIB IVL – veio revelar que o abastecimento destas estruturas hidráulicas necessitariam de um volume de água que nenhuma captação subterrânea local poderia satisfazer.

Desconhecem-se as circunstâncias históricas pelas quais o velho aqueduto romano terá desaparecido da face urbana de Évora. Certo é que dele apenas restou a vaga memória toponímica da rua do Cano e dos Arcos do Divor, ambos os casos associados ao trajecto actual do Aqueduto da Água da Prata.

Independentemente das circunstâncias em que terá caído em ruína, tardariam muitos séculos até à edificação de uma nova estrutura monumental de abastecimento de água à Évora. E a primeira tentativa de a reedificar deveu-se a D. João II, um dos reis que maior afeição teve pela cidade. Diz um dos seus cronistas, o eborense Garcia de Resende, que o rei ordenou trazer à cidade a agoa da Fonte da Prata, onde ja tinha muitas fontes compradas e feitas d' aboboda, e concertadas, e medida a agoa que aa cidade podia vir que era muita (Crónica de D. João II, C. LVI).



Parte do Aqueduto da Água da Prata desde as nascentes do Divor

Fotografia José Manuel Rodrigues

Porém, a obra do *Cano Real da Água da Prata*, depois de ter sido igualmente pensada pelo rei D. Manuel no final do seu reinado, só foi retomada, definitivamente, em Outubro de 1533, durante a longa estadia do rei D. João III em Évora e sob a orientação do arquitecto-mor da Comarca, Francisco de Arruda.

Sabe-se hoje, com rigor, que a arcaria monumental foi erguida entre 1534 e 1537. Numa surpreendente sobrevivência da memória da obra e dos seus construtores, ainda existem gravadas nas argamassas de revestimento de muitos pilares, siglas, nomes e datas. Estas permitem ordenar cronologicamente a sequência da empreitada e aclarar que a mesma decorreu de montante para jusante.

Em 1535, a obra galgou o vale onde se situa a actual estrada de Arraiolos. Os arcos atingem aí o seu máximo esplendor, sublinhado pela torrinha do pilar central, onde a cúpula, de recorte ainda manuelino, contrasta com as formas clássicas das pilastras e dos nichos concheados que abrigam as imagens modernas de S. Bruno e S. Bento, patronos dos dois mosteiros vizinhos.

A obra chegou ao interior da cidade pelos anos de 1535-36. Os majestosos arcos da Rua do Cano vão perdendo altura até alcançarem o Outeiro das Covas do Bispo, actual largo do Chão das Covas. Nesta zona, o casario popular acabou por se anicular nos recessos dos arcos, proporcionando uma das mais belas imagens da paisagem urbana de Évora.

Em 1536, estando a obra já nas imediações da Porta Nova, expropriaram-se casas e "chãos" para abrir caminho ao Cano em direcção à Praça Grande, a actual Praça de Giraldo. No canto da "Rua Nova", provavelmente o arquitecto Miguel de Arruda, assinou uma das suas primeiras obras "ao romano". Esta caixa de água em forma de pequeno templo clássico é o mais antigo



Percurso do Aqueduto da Água da Prata desde a estrada de Arraiolos até ao interior da cidade

Fotografia José Manuel Rodrigues



projecto de arquitectura da cidade inteiramente lavrado segundo os modelos do Renascimento italiano.

Numa quinta-feira de lava-pés, dia 29 de Março de 1537, a água da Fonte da Prata, conduzida ao longo de 19 quilómetros desde as nascentes do Divor, chegou pela primeira vez à Praça Grande, ante o júbilo geral.

Com a construção desta notável obra de engenharia hidráulica, a maior do seu tempo, Évora reforçou o estatuto de cidade de corte mais importante do país, logo a seguir a Lisboa.

Porém, o projecto do Cano Real não terminou no chafariz da Praça Grande. Após chegar aos Paços Reais de S. Francisco, onde, cerca de 1539, foi edificada uma das mais notáveis caixas de água ao gosto do Renascimento, o Cano estendeu-se aos principais locais públicos da cidade. E tanto a notável acção mecenática do Cardeal D. Henrique como a distante regência de Filipe II de Espanha, permitiram dotar a urbe eborense de magníficas fontes e chafarizes: fonte da Porta de Moura, 1556; fonte henriquina da Praça de Giraldo, 1571; fonte da Porta Nova, 1573, hoje situada no Largo de Avis, e fonte do Rossio de S. Brás, primeiros anos do séc. XVII.

A distribuição da água da Prata foi também alargada às casas religiosas e a particulares, através da doação, por alvará real. Nele estava definida a quantidade de água máxima a utilizar, medida a partir do registo, ou seja do diâmetro de um círculo desenhado no próprio alvará de doação. O primeiro donatário da Água da Prata foi o Convento de S. Domingos, em 1546.

Arcaria do Aqueduto da Água da Prata na Rua do Cano

Fotografia José Manuel Rodrigues

Boa parte do conhecimento histórico do Aqueduto da Água da Prata encontra-se compilada num precioso documento à guarda da Câmara Municipal de Évora, desde 1606. Genericamente conhecido por Regimento Filipino, por ter sido lavrado na época de Filipe II, aí se guardam as determinações régias sobre a conservação, o financiamento e a fiscalização da obra, bem como três séculos de aditamentos, a maioria concessões de anéis e penas de água a novos donatários.



Apesar de ter sido sujeito a várias obras de beneficiação ao longo do tempo, o velho aqueduto quinhentista chegou muito arruinado às últimas décadas do século XIX e incapaz de satisfazer o consumo de água da cidade. A partir de 1873 e depois de algumas reparações inconsequentes, a estrutura hidráulica, entre S. Bento de Cástris e as nascentes do Divor, foi finalmente reconstruída segundo um novo modelo de conduta. Contrariamente à velha estrutura quinhentista, semi-enterrada e coberta por cascões de pedra grosseira, esta nova conduta foi coberta por abóbada de tijoleira e o seu interior, mais alto e arejado, revestido por um canal composto por telhões de encaixe macho-fêmea e espaldas protegidas por peças cerâmicas conhecidas por *adobinhos*. Mas a maior novidade foi dada pelas elegantes caixas de decantação e arejamento em forma de torrinha tronco-cónica. Além de portas de acesso e janelas de arejamento, foram dotadas de um canal suplementar para condução da água no seu interior, utilizável em caso de limpeza ou reparação a seco. Sobre a estrutura foram definidas duas faixas pedonais ladeando a abóbada, as quais, circundando as torrinhas, permitiam aos cantoneiros um percurso contínuo sobre o Aqueduto.

O Aqueduto da Água da Prata é hoje um património cultural que se funde com a própria memória histórica de Évora. É certo que os eborenses já não dependem dele como outrora, mas a atracção por este Monumento Nacional é agora maior do que nunca.

Percuso do Aqueduto da Água da Prata

Fotografia de José Manuel Rodrigues

